



o homem extraviado

Giordano Andriola



gueto editorial

O Homem Extraviado

Giordano Andriola



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Giordano Andriola, 2018**

Coleção #breves | Livro 13

Selo Gueto Editorial ® 2018

Edição e projeto gráfico

Jerome Knoxville

Edição e revisão

Amanda Sorrentino

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro treze

⊙

Primeira Parte:

LENO

Me chamam de “Cara da Limpeza”. Outras vezes, chamam de “ASG”. Não me importo nenhum pouco. Detesto o meu nome: Joleno. O Sabota, velho amigo, me chama de Leno. Gosto de ser chamado de Leno. Melhor do que essa sina de carregar a bosta dum nome que o meu pai me arrumou. O imbecil queria pôr John Lennon, mas era burro pra demais para isso. Foi o próprio Sabota que me descolou esse emprego de Auxiliar de Serviços Gerais. Bela denominação, aliás. Minha função, basicamente, é deixar as latrinas dos banheiros da rodoviária brilhando. Banheiro de rodoviária é uma verdadeira faculdade. Já vi de tudo. Esfaqueamentos, surubas, overdoses e até coprofilia. Mas ninguém tem fetiche por ASG. Fico imaginando se tem alguma mulher nesse mundo que tenha tesão

por um cara que passa o dia inteiro desentupindo privadas. Outro dia sonhei com a Catinha. Sonho em comer a Catinha desde que eu era uma criança estúpida que roubava revistas de mulher pelada nos sebos do centro da cidade. “Nunca que eu vou dar pra você, Leno. Acorda!”. Comi poucas mulheres na vida. Posso dizer com toda a certeza que sou tarado. Tarado pobre sofre. Eu queria ser como o Michael Douglas e pegar cancro-mole na garganta de tanto chupar buceta de puta. Faz tempo que não como ninguém. Só o que eu vejo pela frente são vassouras e esfregões. Conheço todas as marcas de água sanitária e desinfetantes. Às vezes, penso em abrir uma garrafa de desinfetante e beber um pouco. Gosto do cheiro. O Ubaldo, antigo ASG, bebeu meio litro de água sanitária. O filho da puta passou três semanas no hospital municipal. Não tem como não cometer pequenos expedientes de loucura passando o dia inteiro cheirando merda e uréia. Mas eu não tenho outra coisa em mente. Não agora. Eu penso em juntar uma grana e comprar um carrinho de cachorro-quente. Cachorro-quente o caralho! Eu penso pequeno, esse é o meu problema. Eu devia fazer como esses caras que saem por aí roubando carro-forte. Mas eu já não tenho pretensões. Acho que cheguei num momento da vida em que é preciso aceitar os fatos.

•

Viver é para os conformados. Há muito tempo eu deixei de tentar mudar o meu próprio destino. O que fazer? Porra, eu sou o Leno e não o Chiquinho Scarpa! Aluguei um quartinho na Vila dos Espanhóis. Engraçado que não tem nenhum espanhol nessa merda. Pra completar, o banheiro é coletivo. Os banheiros me perseguem. Sei de cor o horário em que cada inquilino o utiliza, o que evita maiores transtornos. Não é nada

legal usar o sanitário depois que o seu Plácido, um velho que mora no quarto 18, sai. Ele sofre de hemorróidas e sempre deixa sangue e merda nas bordas da latrina. Fora isso, eu dou um jeito. Me tranco na minha caixa de fósforos e tento fazer o que eu sei de melhor: nada. O pensamento, simplesmente, se esvai e isso é ótimo. Não ter nada para fazer ou pensar é a última realização exitosa do homem. Deixar que tudo escape de suas mãos, perder o contato com o mundo, desafinar-se por completo. Esse é o meu mundo. Um mundo onde estou morto em mim mesmo. De certa forma, me sinto protegido por não estar afinado com o mundo em que eu vivo. Sempre desrespeitei os contratos, fugi dos compromissos e refutei as causalidades. Prometi não arcar com as conseqüências e isso ainda me garante o cigarro e o cafezinho após as refeições. Gosto de perceber a vida acontecendo a certa distância, como um anômalo se escondendo entre relvas cada vez mais escassas. Queria arrumar um jeito de me estrear de vez, sentir todas as dores, ruir como os prédios abandonados da cidade alta. Mas eu preciso de algum dinheiro. Nem que seja para alimentar os meus vícios mais urgentes. Os homens são movidos por vícios, sejam eles quais forem. Você não levanta de sua cama às cinco da manhã para assistir o nascer do sol. Você se vende por pouco, mas não há outro jeito. Como diria o Sabota: “a vida é dura e estamos de quatro”.

•

Há um cheiro de rato morto no banheiro feminino. As lixeiras estão abarrotadas de modess usados. Não sou de usar máscara para disfarçar o odor. Gosto de sentir o cheiro de todas as coisas. Acho que o centro nervoso do planeta está nas rodoviárias. As pessoas não param de ir e

voltar. Estão sempre saindo e chegando, como se estivessem em constante rota de fuga. Talvez não suportem a si próprias. Talvez não suportem suas cidades. Talvez não suportem suas casas. Ou talvez gostem mesmo de viajar. Ou talvez viajem por mera obrigação laboral. Eu detesto viajar. Viajei poucas vezes na vida. O suficiente para detestar esse movimento inútil que acomete o homem comum. Sair de um lugar para outro. Sentar o rabo numa cadeira mofada com cheiro de vômito. Esperar duas, três, quatro, cinco, seis horas para chegar a outro lugar. Voltar. Desfazer as malas. Uma grande merda. Adoro a minha própria realidade. Ao ponto de recusar estar em qualquer lugar que não seja a Vila dos Espanhóis e os banheiros desta maldita rodoviária. Há pessoas de todos os tipos entrando e saindo dos ônibus. Dia desses, eu tava dando uma descansada no banheiro masculino e tinha um cara fazendo umas anotações de frente ao espelho. “Sou busólogo. É, sou fanático por ônibus, cara!”. Puta que o pariu! A falta de sexo provoca danos cerebrais seríssimos nas pessoas. Eu preciso foder. É, eu tô ficando louco nessa merda trabalho. Fico vendo essas executivas com seus vestidinhos justos descendo dos ônibus com suas maletinhas, e fico imaginando a gente fodendo em cima do meu colchão cheio ácaros e manchas de porra. Não dá. Eu queria ser bem mais conformado do eu já sou, mas não dá. Eu passo o dia inteiro delirando com coisas que eu sei que nunca irão acontecer. O Batista, vigilante, achou um pacote com dez mil reais outro dia dentro da lixeira. Sabe o que o filho da puta fez? Entregou a grana pra administração! Tem gente que não sabe o que fazer com a própria sorte. Quer colher os louros da honestidade, ser condecorado, ser reconhecido por alguma merda. Eu nunca encontrei porra nenhuma nessas lixeiras. Pra não dizer que nunca encontrei nada, outro dia achei uma calcinha usada. Uma calcinha fio dental de oncinha. Pensei um pouco. Não devia

ser de velha. Não acho que velhas usem calcinhas fio dental com estampa de oncinha. Velha usa calcinha bege. Também não devia ser de uma gorda. Aquela calcinha nunca entraria no rabo de uma gorda! E se aquela calcinha fosse de um daqueles travecos que fazem programa de madrugada na Avenida Gomes Siqueira? Não, não. Meu pensamento logo me levou para uma daquelas comissárias de bordo que sempre sobem naqueles ônibus expressos cinco estrelas que vão para lugares que eu nunca irei por os pés. Loiras de olhos azuis, muito bem perfumadas, que andam ligeiramente segurando suas necessaires vestidas com o uniforme das companhias. Não pensei mais: peguei aquela calcinha e me pus a cheirar. Cheirei mesmo. Cheirei bem. Cheiro de buceta entrando pelas minhas narinas, endurecendo o meu pau automaticamente. Tranquei a porta do banheiro feminino. Já era alta madrugada. Meu turno estava chegando ao fim. Arriei a calça, me sentei na privada e comecei uma bater uma punheta. Com a mão direita, segurava a calcinha rente ao meu nariz. Com a esquerda, batia uma punheta lenta, como se não houvesse nada mais a fazer da vida. Ninguém me incomodava. Gozei um forte jato de porra que pegou direto no azulejo. Ah, que se dane. Era o fim do meu turno. O Reginaldo que limpasse, caralho!

•

A pior hora do dia é sair do trabalho. Eu não tenho pra fazer aqui fora. Não tenho nem mesmo um computador. Pudera, eu não sei mexer em computadores. Sou um zero à esquerda, mas sei que não estou só. O Sabota diz que computador só serve pra acessar putaria na internet. Sempre que vou na casa dele, ele me mostra uns vídeos. Umas bizarrices. “Gore, cara. O nome é gore!”. Que se dane! Nada que me aguice o

interesse. Eu acho que a minha própria loucura nunca será superada. Filia disso, filia da daquilo. Acho que eu tenho todas as filias do mundo em mim mesmo. Não que eu já tenha realizado todas. Talvez por isso eu seja tão frustrado e odioso para com o mundo. Um tarado que não realizada as suas taras tende a definhar. Tende a morrer aos poucos, lentamente, sem fazer barulho. Sabe, eu penso em cometer certas loucuras. Daquelas loucuras que a gente não tem coragem nem de contar para o próprio espelho. Tenho certo receio de contar algumas coisas pro Sabota e ele achar que, realmente, estou maluco. Tenho medo de estar dormindo no meu quarto, num dia qualquer, e chegar dois ou três brutamontes e me enfiarem numa camisa de força. Não quero passar o resto dos meus dias na porra dum hospital psiquiátrico. Os psicopatas estão soltos e, certamente, dominarão o mundo. Afinal, somos maioria. Às vezes, tenho vontade de pegar uma daquelas latas de querosene, acender um fósforo e tacar fogo naquela rodoviária. Durante a madrugada, de preferência. Queria ver o corno do Batista desesperado com o fogo queimando o rabo gordo dele. Boa parte dos meus expedientes de loucura ocorrem quando estou no trabalho. É por isso que detesto estar em casa flertando com as paredes mofadas e os ratos que me olham indiferentes. Eu queria ser como um rato. Eles não estão nem aí para a vida que levam. A morte para eles não é nada mais que uma obrigação diária. Saem, caçam, voltam, roem. Os ratos não dormem. Os ratos são os verdadeiros donos desta cidade imunda. Um dia, irão dominar esta maldita redoma de concreto e nos cortarão as jugulares como uma espécie de vingança histórica. Gosto dos ratos. Eu até crio um. O chamo de Severo. Não é um rato comum. Ele tem uma espécie de sobancelha negra que lhe encobre os olhos. É só ele olhar pra mim e eu já sei o que ele quer: um pedaço de mortadela. Bom garoto. Não sinto

falta da convivência humana. Eu tenho o Severo e ele tem a mim. Mas eu também penso em matar o Severo. É, essas coisas me passam pela cabeça. Penso em pegar o meu canivete e abrí-lo. Queria muito ver um rato por dentro. Eu abandonei a escola cedo e não tive tempo de ter aulas de ciências ou biologia. Mas não sou completamente burro. Pelo menos, eu acho. O Sabota sempre me incentiva. Me dá uns livros, quer que eu leia e diga o que achei. Pau no cu do Sabota! Não vou ler porra nenhuma! “Sabe, Leno, eu leio um livro a cada quinze dias. Você deveria fazer o mesmo”. O Sabota pode até ler, mas sabe pouco sobre a vida. Acho que o homem aprendeu a ler porque recusou tudo a sua volta, decerto porque preferiu a inação. A verdade é que eu não cheguei a aprender a ler. E o Sabota não precisa saber disso! Estou bem assim. Ignoro a ambição dos homens e me satisfaço com minhas próprias obsessões. A insipiência é o meu maior trunfo.

•

Não tenho tantas lembranças da minha infância. Tanto esforço para esquecer nos leva para longe de onde nunca gostaríamos de ter estado. Eu tinha um irmão adotivo, o Goma. Ele tinha esse apelido porque vendia goma de tapioca todo sábado na feira livre. Lembro bem do Goma. Era negro, forte e tinha cara de assassino. A lembrança que ficou é que o Goma comia a minha mãe quando o meu pai estava fora de casa. O neguinho pegava a minha mãe de jeito lá no quartinho dos fundos. Eu ficava escutando as pancadas na cama, os gemidos e toda a narração da foda. Depois o Goma saía, suado, apertando o cinto e vestindo uma camiseta surrada. Eu até gostava do Goma. Todo mundo me respeitava na rua porque ele era o meu “irmão”. Um dia, a casa caiu. A casa sempre

cai, essa é verdade. O meu pai era caminhoneiro. Dos mais brutos. Me batia toda hora por qualquer motivo. Talvez, já desconfiasse de alguma coisa. Tanto é que um dia forjou uma viagem de última hora. Disse que precisava deixar uma carga numa cidade distante. Saiu cedo nesse dia. A minha mãe e o Goma não perderam tempo. Foram correndo pro quarto e começaram a fodela. Mas havia algo de estranho. Quando eu olhei para o outro lado da rua, vi o meu pai fumando, sossegadamente, o seu cigarro Montblanc. Camisa aberta até o umbigo, deixando de fora a sua grande barriga peluda. O meu pai era um cara horrível. Desses que você sente medo até de dar bom dia. Senti que algo iria acontecer quando vi o meu pai apagando o cigarro e atravessando a rua. Não quis ver o resto. Não adiantava ver. Na briga, o Goma esfaqueou o meu pai e fugiu. Não lembro de mais nada dali pra frente. Nunca mais vi o Goma, nem a minha mãe. Dinorá, uma velha sapatona que morava na rua de trás me levou para a casa dela e por lá eu acabei ficando. Detestava aquele lugar. A velha criava dezoito gatos e eu acabei desenvolvendo rinite alérgica. Sem falar de um germe que quase me fez perder o pé esquerdo. Essa é uma parte da minha vida que não me interessa nem um pouco. Aliás, a minha vida é desinteressante por inteira. Eu recuso a misericórdia divina. Não preciso disso. Sou um cara que carrega uma cruz desde o dia em que pus os pés neste pardieiro planetário. Mas também não quero morrer, nem me matar. Pra quê? Me vicieei em ser nada, e isso me basta. Desconfio de quem entra em crise existencial e mete um tiro na têtpora. Não, não. Meus pés estão fincados na lama podre do meu infortúnio. Que assim seja. O que vem daqui pra frente não deve ser pior do que eu já passei. Bom, quero ao menos me resguardar das convicções. Além do mais, estou convencido de que mais dia, menos dia, o destino se

encarregará de tudo ou quase tudo. No momento, Deus é só um planeta distante girando em torno de seu próprio eixo.

•

E se eu procurasse expurgar a minha psicopatia? Talvez isso não me fizesse menos psicopata, mas me incomoda levar a vida de um homem comum. Acordar cedo, pegar ônibus, bater ponto e limpar, limpar, limpar. É até irônico um cara sórdido feito eu trabalhar com limpeza. Natural seria sujar, jogar merda nas paredes, espalhar vísceras sobre o chão, fazer dessa rodoviária um verdadeiro aterro sanitário. Mas não limpar. Parece coisa de espiritualista. Os budistas, kardecistas e harekrishnas deviam trabalhar com limpeza, não eu. Eu acho que se todo espiritualista fosse ASG, o mundo seria melhor. Nada como limpar uma latrina, regozijar-se. Mas eu me viciiei nessa rotina safada. Acho que não vivo sem isso. Gosto de ficar vendo as pessoas feito baratas tontas. Alguns, entram no banheiro e não sabem o que fazer. Não sabem se cagam, se mijam ou se apenas olham o seu reflexo no espelho de forma despretensiosa. Nada é despretensioso. Tudo o que fazemos tem uma intenção implicada. Seja somente sentar no vaso sanitário e ficar lá pensando que limpar o rabo com papel higiênico pode causar hemorróida e até câncer no cu. Outro dia, eu esqueci de abastecer as cabines com papel higiênico. Teve um cara que limpou o rabo com um lenço de pano. Depois, ele foi lá na pia e lavou o mesmo com detergente. Fiquei imaginando a estima que o cara tinha pelo lenço. Era um lenço azul-celeste com um bordado no meio. Não identifiquei o símbolo. Era um cara estranho, desses que você não vê todo dia por aí. O Sabota conhece todo mundo. Acho que deve conhecer esse cara. Ele tá sempre

pela rodoviária. Talvez more aqui dentro, por que não? Tem pessoas que moram aqui na rodoviária, o Batista me falou sobre isso outro dia. Eu podia fazer isso também. Me pouparia o dinheiro do aluguel. Ah, se eu escutasse os conselhos da velha Dinorá. Hoje, talvez, eu estivesse trabalhando de taifeiro na marinha mercante. Grande bosta! Prefiro estar aqui. A rodoviária é o meu mundo. E o Zito disse que se eu continuar trabalhando direitinho posso até subir de cargo: encarregado de limpeza. Isso porque o Wanderley tá pra se aposentar por causa de uma hérnia de disco e eu posso pegar a vaga dele. Não sei se isso é melhor do que ser ASG. Não sei o que faz um encarregado de limpeza. Na verdade, eu não faço nada além de passar o esfregão no piso encardido desses banheiros. Mas eu preciso ganhar um pouco mais. Não sei pra quê, mas eu preciso. Eu busco alguma coisa que eu não sei o que é. Acho que é isso que nos mantêm vivos. A eterna busca que nunca acaba. Perseguiamos o vazio por onde quer que ele esteja. Acho que o Sabota perdeu tudo isso. Ele se casou e teve dois filhos. Encerrou-se. Hoje vaga pelas ruas escuras segurando um apito. É guarda noturno. Não sei se trabalhar de guarda noturno é melhor do que ser o “cara da limpeza”. O Sabota gosta andar por aí, conhece toda a cidade. Eu já gosto mais da inércia. Tanto movimento me faz mal. O mundo lá fora me causa vertigem. Também não gosto de ficar olhando nos olhos das pessoas. Todas parecem ter algo a dizer. Eu sou um cadáver e já não digo nada. Por isso, evito esbarrar com algum rosto familiar. Eles querem falar sobre suas vidas e, em seguida, perguntar como você vai. Eu vou sempre mal. E o que é que eu vou dizer? Que passo o dia inteiro cheirando merda alheia e que quando não estou fazendo isso costumo pensar em como a minha crueldade não tem valia alguma? Tô cansado de ter que sempre desviar o olhar. No fundo, eu sei que as pessoas sentem nojo de mim, pois sempre me olham

com certo ar de superioridade. Eu sinto ódio, mas não é o suficiente. Eu queria ser como aqueles psicopatas que eu via na televisão. H. H Holmes, John Wayne Gacy, Ted Bundy, Jeff Dahmer, Richard Ramírez. Mas quem eu mataria? Um homem precisa de um verdadeiro motivo para matar alguém? Eu não posso dizer a ninguém que estou ficando louco. As pessoas buscariam um motivo para justificar a minha loucura. Eu tenho de ficar em silêncio, delirando em silêncio, sem saber direito a diferença entre prazer e obsessão. Eu tenho de ficar em silêncio como alguém que sabe que será condenado de qualquer maneira.

•

Será que os mortos pensam no dia de amanhã? Será que os mortos pensam no que irão comer no desjejum? Será que os mortos sangram? E se sangram, quem ousaria abri-los? Nada disso me compete. Eu ignoro a resolutividade de todas estas questões porque sei que sempre estarei enganado. Eu quero algo que me foge pelas mãos. Quero um câncer metastático e uma grande guerra. Uma grande guerra que varra este planeta do sistema solar. Sou de uma geração que não viveu uma grande guerra ou uma grande epidemia. Precisamos de napalm, não de yôga. Precisamos de um grande surto de peste bubônica, não de crossfit. Vislumbramos o fracasso sorrindo num grande outdoor. Estamos vivos, saudáveis e enlameados de falsas virtudes, esperando a morte chegar pelo sedex. Ah, como eu queria ânimo pra sair por aí e fazer tudo o que penso. Ah, como eu queria ter um clone para me ajudar nesta empreitada. Tudo seria diferente. Nós trabalharíamos em equipe, tal qual Butch Cassidy & The Sundance Kid. Não haveriam mais problemas. Nós seríamos o problema. Íamos foder a mulher do presidente e ainda o

colocaríamos para assistir. Íamos roubar todos os bancos. Todas as casas. Todas as lojas. Toda a dignidade moral que ainda resta nesta merda de mundo arrombado. Eu preciso voltar a ser o Leno de outrora. O louco. O psicopata. O cara a ser evitado. O cara a ser temido em casa, na rua, no coletivo lotado. O cara que causa o pânico, a desordem, o prejuízo. O que aconteceu comigo? Eu perdi o controle sobre a minha própria vida. Quero sentir o tesão que os tolos sentem. Quero foder, esfolar, decapitar, empalar filhos da puta. Quero vomitar na bolsa das velhas senhoras que aguardam atendimento na fila do SUS. Quero de novo achar um bom motivo para ainda sentir as minhas têmporas palpitem a cada vez que lembro que ainda estou vivo. Acorda, Leno! Está tudo perdido, não vê? Seus pais estão mortos. Você está morto. O mundo inteiro está cheirando mal, como um gato putrefato no meio da rua. Eu estou só. Pouca gente sabe o que é estar só de verdade. Talvez nem eu mesmo saiba o que significa isso. A maioria das pessoas pensa que solidão é algo que deva ser cultivado como se cultivava uma colônia de bactérias no intestino. Algumas temem a solidão como se esta fosse a vingança pura e cruel de tudo o que o tempo lhe reservara. Não sei de qual princípio partir. Pra ser sincero, eu não tenho princípio algum. Tudo o que me foi ensinado, eu rasguei, cuspi, descartei como se descartam os velhos amores. Não importa se um dia você amou ou foi amado. Você tenderá a esquecer disso como se esquecem as grandes guerras. Os tolos costumam acreditar em acaso, em fatalidades, em coincidências, em sorte, em azar, em jogo do bicho, em herbalife e no seu time de futebol. Eu sou uma mentira que teima em ser repetida. Quero gritar, quero esmurrar o espelho e assistir o meu sangue sujo respingar no chão cheirando a pinho-sol.

•

De quantas virtudes é feito um homem? Será que é preciso viver tanto para saber que perdemos o jogo? Eu queria ter a tranquilidade de um jogador de golf antes de dar uma tacada. Mas o mundo me ensina o contrário. O mundo quer que eu seja fiel aos meus instintos. Cansei de ser induzido ao erro a todo momento. Eu quero fazer algo que me faça sentar, encostar a minha pesada cabeça na parede e dizer: consegui. Chorar pelas impossibilidades da vida só me leva de volta a mim mesmo. Ao quatinho da Vila dos Espanhóis, à latrina suja de merda e sangue no banheiro coletivo. É preciso mais. Quero dizer, é preciso descer até o último degrau de nossa insignificância e beijar as mãos feridas do cara que morreu por nós. Não preciso continuar blefando num jogo de cartas marcadas. Não preciso continuar inventando mentiras obtusas só porque dei errado. Eu preciso é esfregar o chão, jogar ácido muriático para desentupir as privadas, acender um cigarro e ficar vendo os ônibus entrarem e saírem de seus terminais. Quantas cidades de nomes imemoráveis. Eu nunca estarei em nenhuma delas. Eu nunca estarei em lugar algum deste mundo. Eu sou invisível. Talvez as pessoas me vejam como uma entidade ou como um objeto de decoração. Eu me vejo como um estúpido qualquer cumprindo horário por mera obrigação. É isso ou virar mendigo, e eu tenho lá meu orgulho. Não penso em ficar estendendo minha mão para as pessoas com um olhar sorumbático estampado no rosto. Eu detesto as pessoas. Por que eu precisaria da caridade alheia? É inútil pedir. É claro que elas vão negar hoje, amanhã e sempre. Os mendigos abandonam a tudo, só não abandonam a autopiedade. Sempre que começo a falar sozinho deixo de fazer alguma coisa. Me sento no chão úmido do banheiro e fico horas num monólogo

extenuante. Gosto de falar sozinho. Eu mesmo pergunto, eu mesmo respondo. Eu levanto questões e balbucio explicações insuficientes. Algo me diz que eu não pertencço mais a este mundo. Algo me diz que estou encurralado por minha própria ausência.

Segunda Parte:

SABOTA

Nunca consegui me desvencilhar dessa merda de apelido: Sabota. Culpa do Leno. Foi o filho da puta que me colocou esse apelido quando nos conhecemos ainda na adolescência. Ele dizia que meu lema era “sabote sempre que puder”. Não vou mentir que eu era mesmo um grande filho da puta. Era o maior ladrão de toca-fitas de carro que esta cidade já conheceu. Também roubava fios de cobre dos postes e executava como ninguém a arte milenar de bater carteiras. O Leno sempre foi medroso. Preferia ficar percorrendo as lojas e entregando currículo. Aquele lá já trabalhou de tudo. Até de michê. Coitado, nunca conseguiu se dar bem em nada. Pudera, só sabe escrever o próprio nome e olhe lá. Eu roubava porque queria. Não nego. Roubar é um vício. Matar já é outro departamento.

Nesse aí, eu nunca quis me meter. Sou covarde demais para apertar o gatilho ou enfiar a lâmina na barriga de alguém. Tenho aversão a sangue. Como todo ladrão, um dia rodei. Rodei bonito. Faltava energia na cidade inteira e eu precisava roubar um toca-fitas para pagar uma dívida de jogo. Eu também era viciado em carteadado. Cheirei cola e criei coragem. Era um Chevette vermelho, bonito o bicho. Novinho. Fui lá e fiz o que tinha que fazer. Mas aí eu caí na besteira de querer dar uma volta naquela carango. Porra, a cola misturada ao desejo de acelerar aquela máquina pelas ruas da cidade me levou a cometer a pior merda que eu já fiz na minha vida. Fiz uma ligação direta e o carro pegou. Já era. No porta-luvas haviam algumas fitas k-7. Meti uma do Camisa de Vênus no toca-fitas. Que barato! Eu tava me sentindo o rei da cocada preta! Cheirei mais um pouco de cola e afundei o pé no acelerador. Não vi o que aconteceu depois. Quando dei por mim, o carro tava capotado e o policial tava me algemando. Fui direto pra cela, e lá havia um rosto conhecido: o Everaldo. O filho da puta logo me reconheceu: “Grande Sabota!”. Éramos antigos parceiros de crime. Senti raiva daquele apelido pela primeira vez nada vida. Eu queria voltar a chamado de Giancarlo, mesmo nome do meu pai e do meu avô, um velho italiano vindo de San Ferdinando di Puglia. Pura bobagem esse negócio de profanar um cadáver colocando o seu nome num demente feito eu. O Leno me salvou naquele dia. Como era furto de uso, saí sob fiança. O coitado do Leno vendeu a bicicleta e me tirou da cana. Até hoje sou grato àquele filho da puta. Às vezes o cara passa dos limites e me enche o saco, mas é meu amigo. O meu único amigo. A Rosélia não quer ver o Leno por perto. Diz que ele é psicopata e que outro dia passou a mão na sua bunda enquanto ela lavava suas calcinhas no muro. Eu não vi, e o que eu não vejo, eu desconfio. Acho que o Leno não faria uma coisa dessas comigo. Porra, eu descolei emprego

pro cara e levo ele todo domingo pra almoçar lá em casa. Acho que o Leno não fode há muito tempo. Deve tá subindo pra cabeça.

•

Quando saí da cadeia resolvi mudar de vida. Fiz um desses cursos supletivos de seis meses e concluí meus estudos. Seu Rinaldo, pai do Everaldo, era evangélico e me descolou um emprego de guarda noturno. O Everaldo começou a trabalhar com o pai no açougue do velho. Esses evangélicos têm uma verdadeira rede de solidariedade. Arrumam emprego com certa facilidade. Só que o velho queria que eu começasse a frequentar a Igreja Presbiteriana, assim como o Everaldo já estava fazendo. Aí já é demais! Deus pra mim é sinal da cruz depois das refeições e olhe lá. Para não me fazer de ingrato, cheguei a frequentar alguns cultos. Num deles, acabei conhecendo a Rosélia. Era linda. Usava um vestido que lhe cobria a canela, logo não dava pra avaliar a qualidade do material. Teve um dia que ela veio falar comigo e eu não pensei duas vezes: levei ela pros fundos da Igreja. Levantei o seu vestido e a canalha tava sem calcinha. Foi uma moleza. Não preciso nem dizer que pouco depois a Rosélia tava grávida e nos casamos por mera obrigação numa cerimônia para quase trezentos crentes esfomeados. Cortesia do seu Rinaldo, que achou que dali pra frente eu iria aceitar Jesus como meu salvador. Acho que as pessoas depositavam uma desnecessária fé em mim. Eu havia deixado de roubar, mas eu não iria cair nessa lorotagem. Rosélia não demorou a ficar feia e gorda, tal qual a sua mãe. Ela até começou a usar aquelas mesmas camisetas com mensagens cristãs. Família. Um dos pretextos mais sórdidos que o homem encontrou para justificar suas inabilidades. Constituir família deveria ser tratado pelo

Estado como crime hediondo. Eu podia ter feito um curso técnico no SENAI. Eletricista Predial, talvez. Acho que eu poderia ter ido um pouco mais longe do que ser a merda dum guarda noturno. Pra que serve um guarda noturno? Nem arma eu tenho! Dia sim, dia não, algum ladrão pé de chinelo coloca um três-óitão na minha cara. Até coronhada eu já levei. Mas é o que garante a grana pra cachaça e pro cigarro. Não me preocupo muito com as despesas do lar. O pai da Rosélia banca tudo. O velho é generoso. Morre de amores pela filha única. Não deixa faltar nada. Até paga o colégio da Mirela e do Roberto. Às vezes, eu me sinto mal com tudo isso. Por ser um bosta dum cara acomodado que não paga uma mísera conta de luz! Tudo bem, eu assumo ser um pai relapso que passa a maior parte do tempo pensando em arranjar uma maneira rápida e eficaz de jogar tudo para o alto. Sempre fiz de tudo pra não ter que conviver com o meu próprio crime. É horrível acordar de manhã e ver que todos estão vivos e te enchendo de cobranças. É duro assumir toda a culpa sozinho. Mas eu assumi. Isso não anula a culpa, muito menos a reverte em coisa alguma.

•

Não gosto de ficar me lembrando das coisas que fiz ou deixei de fazer. O idiota do Leno é que gosta de passar o dia inteiro ruminando dentro daqueles banheiros imundos da rodoviária. Macho não tem memória. O meu pai costumava dizer que memória é uma doença que só acomete as mulheres e os elefantes. O Leno é um pobre coitado jogado no mundo feito um meteorito. Acho que eu tive uma boa família, uma boa educação. As amizades, talvez, me levaram pro buraco. Dei muito desgosto pro meu pai e pra minha mãe. Ainda bem que o velho já tinha morrido quando fui

preso. Ele não suportaria ver o seu filho atrás das grades cheio de cola de sapateiro no juízo. Tudo o que um cara como eu pode fazer da vida, daqui pra frente, é começar a contagem regressiva para o infarto fulminante. Segundo a Rosélia, eu não tenho merecimento para tal. Sou um crápula, e crápulas morrem devagar, duram até os cem anos. Eu não quero viver cem anos, porra! Tudo bem, eu acredito um pouco em Deus. É, digamos que eu acredito, ma non troppo! Acho que o diabo tem mais parte que Deus nas ações sobre a humanidade e eu até acho que ambos são um só. Qual a diferença entre Deus e o Diabo? A vestimenta, talvez. Por que será que sempre imaginamos Deus velho, barbudo e de bata? E se Deus for um cara musculoso e depilado? E se Deus for uma mulher dessas gostosas que fazem crossfit? E se Deus for um animal? Somos sua imagem e semelhança, não? Talvez seja por isso que somos um bando de cães vadios implorando a caridade alheia. Acho que eu perdi o poder sobre mim mesmo. E quem abandona a si mesmo está sempre mais perto da morte. Eu leio muito. Sempre incentivo o Leno à leitura também, mas aquele safado não sabe ler porra nenhuma e sempre fica inventando desculpas esfarrapadas. Não precisa mentir pra mim, porra! Ele acha que eu não sei de sua vida. O Leno se faz de rogado, mas é um tremendo filho da puta também. É, eu não tô sozinho nessa. Extorquia a velha Dinorá e matava os seus gatos envenenados. Isso ele não tem coragem de dizer. Mas eu gosto do Leno. Ele tem lá o seu pé atrás comigo, mas acho que é mania de maluco. O Leno é maluco, sim. Não gosto que ele fique conversando com os meus filhos. Eu sei que não sou bom pai e não tenho muita moral pra ficar dizendo o que é certo e o que é errado, mas o Leno tem uns pensamentos, realmente, assustadores. Sem contar que estamos passando por alguns problemas aqui em casa. A Mirela, minha filha mais velha, anda com um comportamento estranho. O psicólogo veio

conversar conosco e disse que ela revelou que vem mantendo relações sexuais com o seu cachorro de estimação. “O nome disso é Zoofilia, Sr. Giancarlo”. Foi duro saber que a minha menina faz essas coisas com o Ralf, nosso Rottweiler. Porra, a Mirela só tem dezesseis anos! A Rosélia joga na minha cara que a culpa é, inteiramente, minha. Isso porque eu só vejo sacanagem na internet e transmito isso para os nossos filhos. Dane-se. É pra isso que eu pago internet: entretenimento. Pornografia gratuita em banda larga foi e ainda é a melhor invenção do homem moderno. Eu não teria me casado se nos malditos anos 80 já fosse possível acessar os vídeos da Ju Pantera no xvideos. Eu vinha sentindo a ausência de Ralf no muro. Mirela o tornara seu escravo sexual. Eu tenho pena mesmo é do Ismael, o namorado da Mirela. O moleque é desses católicos fervorosos. Anda com um crucifixo pendurado no peito e sonha em se casar na mesma igreja em que foi batizado. “Eu amo a sua filha. Quero fazê-la feliz!”. Mal sabe ele que quem faz a Mirela feliz é o Ralf e a sua jeba que mais parece uma cenoura gonorreica. Meu Deus, no que foi que eu errei? A Mirela sempre estudou em bons colégios e até fez balé. Sempre usou calcinhas Duloren e sabonete Dermacyd. Mas eu não fico com essa história de querer voltar no tempo para corrigir possíveis erros na criação dos meus filhos. Não, eu não quero ser pregado na cruz sozinho! Acho que a minha função nessa merda toda foi apenas procriar. Sem essa de amor. Não sou tão desleal a ponto de ficar colocando amor na jogada. Não quero saber dessas histórias. Não quero mais participar dos encontros com o Dr. López. A minha mente parte para outro plano e eu me vejo num barco em alto mar, distante de tudo e de todos. Um barco imóvel, à deriva. É preciso mentir para si mesmo. A realidade é um assassino cruel. A realidade não quer saber o seu saldo bancário ou o que você comeu no almoço. Ela te fode sem pestanejar. Ela te mostra que

você não passa de um grão de milho enfeitando a merda que Deus caga sobre o mundo.

•

Como se não bastassem meus problemas, ainda tem o Roberto. Betinho pra mãe. Bete para o amiguinhos afrescalhados. O problema não é ter filho viado. Isso aí eu tiro de letra. O problema é o filho da puta não assumir., porra! Certa vez a Ângela me disse que ele tem medo de mim. Que eu sou um monstro incompreensível. Que eu sou um psicopata que gosta de esfaquear o sofá de vez em quando. Por isso o moleque teme a minha reação. O filho da puta acha que eu irei matá-lo. Puta que o pariu! Eu tenho bons motivos para matar alguém e não é por causa disso. Mas o Roberto me testa a paciência. Fica querendo pagar de macho. Querendo me agradar. Cortando a grama. Lavando as próprias cuecas. Me trazendo cerveja. Me lembrando do horário dos meus remédios. Me dizendo o placar dos jogos que eu perdi. Vai se foder, Roberto! Não tenho saco para trapanças. Já bastam as minhas. Eu não dei a atenção que o Roberto sempre implorou. A Rosélia muito menos. Ele poderia ter virado assassino, explodidor de caixas-eletrônicos ou limpador de fossas. Mas enveredou pro caminho da viadagem. Cada um faz o que quer da sua vida. E eu não interfiro. Se eu pudesse, neste exato momento, estaria no alto de um arranha-céu atirando nas pessoas lá em baixo com um rifle, um franco-atirador desalmado. Faria questão de não poupar ninguém. Das minorias aos grandes burocratas. Roberto, mais um grande idiota que a geração Z produziu. Cambada de debiloide. Culpa do meu plano de saúde que, na época, não cobriu a minha vasectomia. Agora tá aí, catorze anos trancado com um monte de viadinho dentro do quarto. Dia desses

vi um tal de Dodô, moleque magrinho. Não sei como aguenta dar o cu. Eu gosto das bichas viris. Tal qual Rob Halford. Pro cara comer o Rob Halford, tem que ser mais macho do que ele. Se ele pedir um tapa, o cara tem que dar logo um socão na boca do desgraçado! Diferente desses moleques que não aguentam um soco no rim e vem querer dar o cu. A Rosélia finge que não sabe. Se faz de doida. Fica levando os dois filhinhos adolescentes pro culto de domingo como se nada demais estivesse acontecendo. Porra, tá tudo errado! O Dr. López diz que, em relação a Mirela, eu tenho que ter calma. “É coisa da idade. Das descobertas individuais. É um processo de mudança comportamental que afeta a todos”. Eu sei, na minha época, eu me virava roubando toca-fitas, não fodendo com o cachorro! Em relação ao Roberto, ele disse que eu tenho que mudar minha cosmovisão sobre o mundo em que estou inserido. Cosmovisão? “Essa sua ideia de masculinidade, Sr. Giancarlo, é um tanto retrógrada. Aceite as diferenças, aceite a pluralidade social. Seu filho está se definindo como ser, e não há mal nenhum nisso. Reveja seus pré-conceitos e procure aceitar o que o outro tem a dizer e mostrar”. Eu mereço. Esse psicólogo é um tremendo pederasta! Estou perdido, sei que estou. A única pessoa que ainda posso recorrer é o Leno. Só ele pode escutar o que eu tenho a dizer. Acho que é a única pessoa com quem eu ainda posso contar.

•

Acredito que todo homem está em dívida com o mundo em que vive. Faça ele o que fizer. Meu proctologista está em dívida, o gerente da minha agência bancária está em dívida, o papa está em dívida. Eu também estou em dívida. Talvez hoje eu não me importe tanto com o que

acontece dentro da minha própria casa. Muito menos com a porra do mundo lá fora. Creio também que todo homem precisa de uma boa questão filosófica para manter-se vivo. Comigo não é diferente. A única herança que o meu pai me deixou foi um prolapso retal. É mal de família. Meu pai tinha, meu avô teve, meu bisavô também. Se o meu problema fosse somente a porra dum transtorno bipolar, eu tava feito. Mas o meu cu virou uma massa disforme. Troço feio de se ver. Os proctologistas querem falar bonito. “Aprotrusão indolor do reto através do ânus”. O paciente que se vire pra fazer o cu voltar ao seu local de origem. “É só pressionar uma nádega contra a outra, Sr. Giancarlo. Em caso do reto não ser reintroduzido, novamente, para dentro do ânus, eu farei a sua reinserção manual”. Acho que todo proctologista vai pro inferno. Porque, pra mim, Deus tem prolapso retal. E é por ter prolapso retal que ele fez questão escolher alguns de seus filhos para sofrerem deste mal. Como se sofrer fizesse alguém evoluir espiritualmente. Só aumentou o meu ódio por tudo o que se move. Cérebro e coração não servem pra nada. É o cu que rege o homem. É mais que uma simples presunção humanística. Quando o seu computador dá problema você leva ele na assistência técnica e tudo se resolve perfeitamente. Não é o caso de um cu com prolapso retal. Não é assim tão simples e isso não passa pela cabeça de ninguém. Porra, eu só queria contar o meu problema numa convenção das nações unidas. Ou talvez no fórum social mundial. Falar do meu drama. Um drama particular que merece ser compartilhado com essas pessoas que gostam de fingir que se importam com a miséria do mundo. Não se importam porra nenhuma! Se se importassem lamberiam o meu cu! Aí, sim, eu acreditaria nesse negócio de caridade. Parem de falar em igualdade, porra! Parem de falar em amor! Não há falta de amor no mundo. Há falta de dinheiro. As pessoas estão enfurecidas demais para

amar porque seus bolsos estão vazios. Sua contas estão vazias. Suas despesas estão vazias. Suas barrigas estão vazias. Suas mentes estão vazias. Daí nascem os melhores ladrões, assassinos e sequestradores que conhecemos. Eles poderiam ter esse ímpeto de amar malgastado pelas doutrinas orientais que um dia enganaram John Lennon, a Yoko Ono e até aquela sua vizinha sexagenária. Dê dinheiro a um homem e ele será capaz de amar até a sua última geração. Jogue-o na miséria, e você terá mil e um motivos para aderir à campanha da fraternidade.

•

Apesar de tudo, eu tento levar a vida. Fingir que isso não me afeta. Meus filhos não sabem disso. Só o Dr. Osvaldo e a Rosélia. Vagabunda! Deve ficar rindo em silêncio. Deve contar para as amiguinhas crentes que o seu maridão tem um cu que mais parece uma couve-flor. Eu fico vendo o cara dizer que é discriminado por ser negro, pobre, bicha, maconheiro, alcoolatra, gordo, careca, por ter o pau pequeno ou ser pernetta. Eu vos digo: pior é se auto-discriminar por ter prolapso retal. Vocês não sabem de nada. Seus cus estão intactos. Vocês cagam duas vezes por dia, lavam o rabo com ducha ou passam papel higiênico dupla-face. Compram consolos de borracha e introduzem em vossos retos. Compram pepinos calibrados na seção horti-fruti do carrefour e brincam de auto-empalamento. Vocês não sabem de porra nenhuma! Mas que se dane o meu sofrimento. Só serve a mim mesmo. Tudo o que um homem tem que fazer é lamber suas próprias feridas sem incomodar quem está ao seu lado. Eu fico puto em ter que ficar presenciando a lamúria alheia. Por ser brocha, por ser excluído, por ministrar curso de escrita criativa. Fodam-se! Quero ver vocês com o cu igual um vulcão japonês entrando em

erupção! “Você tem que comer mais alimento rico em fibras, Sr. Giancarlo. Você precisa se cuidar mais”. Vai se foder, Dr. Osvaldo! Os proctologistas são os seres mais cínicos que existem na face da terra. Nem o diabo quer pacto com esses caras. Enfiam o dedo em nossos rabos e ainda querem dar pitaco sobre o que temos que comer ou beber. Vão todos pro caralho! É muita humilhação viver como eu vivo, admito. Eu devia ter nascido com uma anormalidade no lobo frontal. Eu devia ter nascido assassino e não um bipolar com prolapso retal. Como se não bastasse, tenho que conviver com uma verdadeira sodoma e gomorra dentro de casa. Estou jogado às traças.

•

Fico perambulando pelas ruas escuras de madrugada. Não sinto mais a cidade me engolir, sou parte dela como todos os seres estranhos que caminham por aí atrás do perigo que se esconde nos becos umbríferos. Quem protege o guarda noturno? Acho que eu não preciso mais ficar me resguardando das sombras que dobram as esquinas. Estou tão perdido quanto esses homens e mulheres que sentem frio e medo. Que sentem fome e sede. Que sentem a morte se aproximar como se fosse um anjo da guarda que negligenciamos. Acho que eu, talvez, não precisasse experimentar todas as desgraças e doenças que a vida me ofereceu. Mas eu traí a mim mesmo, traí o curso fatal de todas as catástrofes, traí a noite e as suas emboscadas e, em silêncio, julguei-me tão estulto. No fundo, eu entendo que todas as dores deste mundo são inadiáveis. Sigo andando lentamente. A noite está escura como nunca antes estivera. Ando sempre de cabeça baixa. Mãos nos bolsos. Gosto de chutar tudo o que me cruza o caminho. Latas, garrafas, caixas, pedras, folhas secas,

gatos, cães, sapos e sonhos mortos. Não há nada que me faça olhar para frente ou para trás. Sigo assim, então. Passos lentos, contra a lepidez do mundo. Inabalável como uma vaca hindu. Pisando em falso no silêncio que se esconde entre as fendas do asfalto. Talvez eu não entenda a loucura do Leno, nem ele entenda a minha. Talvez estejamos distantes demais um do outro. Tudo o que sabemos fazer é disfarçar. Disfarçamos nossa cumplicidade. Disfarçamos nossas dores. Disfarçamos nossos temores. Juramos não haver saída e, realmente, não há. Eu queria que a minha vida acabasse logo. Seria preciso apertar um botão, como num console, e resetar essa merda toda. O Leno diz que se fôssemos como as máquinas tudo seria, exatamente, igual. Inventaríamos um jeito de sofrer que nos fizesse recordar o sofrimento humano e aí nos mataríamos como de praxe. É importante haver um fim. A vida acaba, o amor acaba, a madrugada acaba. Aí vem o sol, parindo a ilusão do novo dia. A sina do recomeço que mutila nossos instintos. Somos levados pela correnteza do acaso. Somos enganados outra vez. Vejo pessoas sorrindo no trânsito. Outras, como o Leno, falam sozinhas em monólogos maçantes enquanto os deuses, santos e orixás se ocupam da piedade e do livramento de um mundo em que evitam pôr os pés. Estamos abandonados por tudo aquilo que ousamos confiar. Estamos doentes insistindo numa jornada irremediável.

Giordano Andriola, potiguar, nascido em 1990. Autor do livro de contos *Memórias Pútridas de um Voyeur Cego* e do romance *Cheque Sem Fundo*, ambos publicados pela *Appaloosa Books*.



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo